O Uso da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) na intervenção precoce com crianças com atraso no desenvolvimento

Autor(res)

Adalmir Palácio Vieira
Ana Laura Cunha Cardoso

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

CENTRO UNIVERSITÁRIO ANHANGUERA

Introdução

Atrasos no desenvolvimento infantil podem impactar linguagem, motricidade e habilidades socioemocionais, reduzindo autonomia e participação em contextos familiares e escolares. Nos primeiros anos de vida, a arquitetura cerebral é altamente plástica e sensível a experiências ambientais; intervenções oportunas potencializam aquisições cognitivas e comportamentais. A Análise do Comportamento Aplicada (ABA), fundamentada em princípios respondentes e operantes, tem se consolidado como abordagem com evidências para ensinar repertórios funcionais, reduzir comportamentos desafiadores e generalizar habilidades para ambientes naturais. Em contextos brasileiros, políticas de intervenção precoce, a colaboração entre família-serviço-escola e o treinamento de cuidadores têm sido associados a melhores desfechos. Ainda assim, a literatura aponta heterogeneidade metodológica entre estudos e a necessidade de monitorar fidelidade de implementação, metas funcionais e participação parental para sustentar ganhos e equidade de acesso. Diante desse cenário, investigamos em que medida a intervenção precoce baseada em ABA contribui para domínios cognitivos, sociais e adaptativos em crianças com atraso do desenvolvimento.

Objetivo

Geral: analisar a eficácia da ABA na intervenção precoce em crianças com atraso no desenvolvimento.

Específicos: (i) descrever procedimentos usuais e contextos de aplicação; (ii) identificar efeitos em linguagem, cognição e comportamento adaptativo; (iii) discutir moderadores (intensidade, fidelidade, participação parental).

Material e Métodos

Revisão bibliográfica qualitativa (2015–2025) em SciELO, PubMed, Periódicos CAPES, BVS e Google Acadêmico, em português e inglês. Inclusão: artigos completos sobre ABA em intervenção precoce/desenvolvimento infantil; Exclusão: revisões narrativas sem rigor, relatos sem método, duplicatas e publicações anteriores a 2015. Foram extraídos: desenho, amostra, contexto (clínica, escola, casa), procedimentos (ensino em tentativas discretas, ESDM/denominações naturais, treino parental), intensidade, indicadores de resultado (linguagem/comunicação social, cognição, comportamento adaptativo, participação) e presença de supervisão/fidelidade. A síntese focou magnitude/direção dos efeitos e moderadores (dose, alinhamento de metas, capacitação da equipe, envolvimento

familiar).

Resultados e Discussão

A literatura indica ganhos significativos em linguagem/comunicação social, cognição e comportamento adaptativo quando a ABA é iniciada precocemente, sobretudo em ambientes naturais (casa, escola) e com metas funcionais claras. Intervenções com treinamento sistemático de cuidadores tendem a apresentar manutenção superior de habilidades e melhor generalização para rotinas diárias. Evidências também sugerem que 'como se ensina' pesa tanto quanto 'quanto se ensina': intensidade por si só não explica os desfechos; fidelidade de implementação, supervisão clínica e alinhamento às prioridades da família emergem como moderadores decisivos. Programas que combinam instruções claras, múltiplos exemplares, pistas visuais e oportunidades frequentes de prática em creches/escolas aumentam participação e autonomia.

Conclusão

A intervenção precoce baseada em ABA favorece repertórios comunicativos e adaptativos, reduz comportamentos desafiadores e amplia a participação infantil quando implementada com metas funcionais, ambientes naturais, supervisão e treino parental. Para maximizar impacto e equidade, recomenda-se monitorar fidelidade, alinhar intervenções às prioridades familiares e fortalecer a integração com políticas públicas e escolas.

Referências

Papalia DE, Martorell G. Desenvolvimento humano. 15. ed. 2022.

Brasil. Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com TEA. Ministério da Saúde, 2022.

Rodgers M et al. Health Technol Assess. 2020;24(35):1–306.

Gitimoghaddam M et al. Perspect Behav Sci. 2022;45(3):521–557.

Werker JF, Hensch TK. Annu Rev Psychol. 2015;66:173–196.

Bitencourt RI, Leme MPR, Neves RA. Rev Apae Ciência. 2022;18(2):89–98.

Silva AP, Costa AF. Rev Bras Educ Especial. 2020;26(4):621–635.

Mendonça LD et al. Rev Educação Especial. 2021;34(2):112–130.

Trevisani M. Rev Tópicos em Educação Especial. 2024.

Albuquerque GL et al. Braz J Implantol Health Sci. 2024;6(3):52–63.